

## REPRESENTAÇÕES DE AUTORITARISMO EM OBRAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA NA RDA

Rosani U. Ketzer  
UFSM

O trabalho tem por objetivo analisar representações de autoritarismo em obras da literatura alemã contemporânea. Entre os autores selecionados estão Christoph Hein, Erich Loest e Christa Wolf. Eles têm em comum, além de serem oriundos da extinta República Democrática Alemã (RDA), o fato de retratarem sistemas autoritários e também de tematizarem fatos históricos relacionados com a repressão, ocorridos durante a vigência do regime socialista na RDA.

Entre as obras dos autores abordados, foram escolhidas *Der Fremde Freund* (1982), de Christoph Hein, *Zwiebelmuster* (1985), de Erich Loest, e *Was bleibt* (1990), de Christa Wolf. Nelas, é tematizada a angústia das personagens frente ao autoritarismo. Sem entrar aqui na discussão das ciências políticas em torno da definição dos termos ‘autoritarismo’, ‘totalitarismo’ e ‘fascismo’, tomamos por base um conjunto de características comuns aos sistemas autoritários para selecionar o pano de fundo extraliterário para esse estudo. „Trata-se de sistemas que têm uma estrutura monística de governo, que detêm o monopólio sobre armas, economia e imprensa e que procuram implantar uma ideologia de Estado oficial com auxílio de uma polícia secreta, que controla os indivíduos“ (MÖLLER-ZEIDLER, 1995, p. 219). Essas características eram inerentes ao regime socialista da RDA, que surgiu após a II Guerra, no bojo da ocupação soviética, e se prolongou até a queda do Muro de Berlim, em 1989.

Dentro do regime socialista alemão, a repressão - entendida aqui como movimento que visa a suprimir uma oposição real ou imaginária - era aguçada em situações de crise política. Por ocasião do levante de trabalhadores em junho de 1953, por exemplo, tanques soviéticos reinstauraram a ‘ordem’, reprimindo os protestos. Nos anos seguintes, intelectuais que pediam reformas foram presos, professores universitários perderam o direito à docência, escritores como Erich Loest foram proibidos de publicar. Em 1961, com a construção do Muro de Berlim, os cidadãos perderam o direito de viajar para o lado ocidental; viajar passou a constituir-se em um privilégio concedido pelo Estado em troca do apoio ao sistema vigente. O serviço secreto, denominado „Staatssicherheitsdienst“ ou simplesmente „Stasi“, estendeu sua rede de espionagem por todo o país, ameaçando não só os intelectuais, mas também os trabalhadores.

Cenários de insegurança e medo, de repressão, são retratados nas obras dos autores aqui abordados. Eles viveram o período autoritário do regime socialista em seu país, sendo que Erich Loest e Christa Wolf tiveram contato com o autoritarismo do regime nazista na juventude. Enquanto Christoph Hein, que começou a publicar em 1980, e Christa Wolf, que iniciou sua carreira literária em 1962, sempre permaneceram no lado oriental, Erich Loest – escritor desde 1950, preso em 1957 por motivos políticos e condenado a vários anos de prisão – mudou-se para a Alemanha Ocidental em 1981.

Loest sofreu várias formas de censura enquanto escrevia na RDA. Seu romance *Es geht seinen Gang oder Mühen in unserer Ebene* (1978) passou por todas as instâncias da pré-censura, como era de praxe (editora, ‘Lektor’, chefe da editora, Departamento de publicações do Ministério da Cultura). Foi publicado e, depois de esgotada a primeira edição, uma segunda edição foi proibida, caracterizando um caso de pós-censura. Como consequência dos atos de censura, o escritor deixou seu país e passou a publicar na Alemanha Ocidental. Christa Wolf e Christoph Hein fazem parte de um outro grupo de escritores da RDA que, embora tentasse manter uma posição crítica em relação ao regime

socialista, permaneceu-lhe leal até o fim. Imbuídos de uma visão anti-imperialista, esses escritores, ao mesmo tempo „críticos e leais“ (DOMDEY, 1996, p.167), pregavam a reforma do sistema, cujas mazelas eram incontestáveis. Mas, para que a ‘opção Socialismo’ pudesse ser mantida, continuavam aliados ao regime. Como Erich Loest, Christa Wolf também foi submetida à pré-censura e, em pelo menos uma ocasião, houve pequenos cortes em sua obra *Kassandra* (1983), motivados pela censura. Christoph Hein, embora não tenha sofrido censura direta em seus textos, condenou-a em um famoso discurso no X Congresso dos Escritores da RDA em 1987, classificando-a como „prescrita, inútil, paradoxal [...]“ (HEIN, 1990, p.144s.). A diferença essencial entre os autores é que, enquanto Loest radicalizou sua crítica para uma crítica ao sistema como um todo, Wolf e Hein visavam, com sua crítica, à reforma do sistema.

No contexto da literatura alemã contemporânea, Erich Loest figura entre os escritores vindos do lado oriental, cuja temática continua centrada na RDA, mesmo depois de já viverem há muitos anos no lado ocidental. Christa Wolf, considerada a mais importante autora da RDA e, devido à sua projeção também na Alemanha Ocidental, uma das maiores escritoras da Alemanha unificada, igualmente fez da RDA um de seus temas principais. Christoph Hein, de uma geração posterior, é considerado um grande prosador e dramaturgo, cujo tema recorrente são conflitos do cotidiano na RDA.

Christoph Hein mostra a dor e os sofrimentos da vida na RDA através de personagens calcadas em pessoas comuns, retratando seu dia-a-dia no trabalho e sua vida particular em *Der fremde Freund*, publicado em 1982. Erich Loest procura apresentar, como na maioria de seus romances, um retrato realista e crítico da RDA em *Zwiebelmuster*, publicado na Alemanha Ocidental em 1985, quando o autor já havia deixado seu país. Também realista e crítico é o retrato da Alemanha Oriental feito por Christa Wolf em *Was bleibt*, onde ela mostra os métodos de espionagem que eram usados contra a população na extinta RDA. Embora tenha escrito o livro em 1979, a autora só liberou sua publicação dez anos depois, quando o regime socialista havia caído, caracterizando, com isso, um caso de auto-censura.

### **1. *Der fremde Freund* (Christoph Hein, 1982): angústia, medo e silêncio**

A personagem central da novela de Christoph Hein, a médica Claudia, é retratada como sendo uma pessoa extremamente solitária, que esconde sua vulnerabilidade sob um manto de frieza. Uma das experiências que mais a marcaram em seus tempos de adolescência é a chegada de um tanque a sua cidade. A cena faz referência ao dia 17 de junho de 1953, data histórica na RDA, em que ocorreu um levante de trabalhadores, insatisfeitos com a situação nas fábricas, onde era exigido um aumento constante de produção. O levante foi reprimido pelos tanques soviéticos, que se tornaram um símbolo de repressão na literatura produzida na RDA.

Em *Der fremde Freund*, a chegada do tanque à pequena cidade provoca perplexidade na população, que entretanto não se manifesta sobre o assunto, com medo da repressão. Também na escola não se fala sobre o estranho acontecimento; a professora, agitada, passa mal e é levada para casa por dois alunos. O pai de Claudia a aconselha a não fazer perguntas na escola, nem discutir sobre o fato, pois não seria o momento oportuno. E, de fato, “nenhum dos alunos quis saber algo, e os professores, igualmente, nada disseram.” (145 – Tradução minha; citações seguintes, idem) As lembranças de Claudia sobre a reação das pessoas à chegada do tanque explicam a causa do silêncio dos adultos: “Não entendi por que não se podia falar sobre o assunto. Mas como realmente nenhum dos adultos falava sobre o tanque, percebi que uma conversa também podia ser algo perigoso. Senti o medo dos adultos de falarem uns com os outros. E fiquei quieta, para que eles não precisassem falar.” (145-6) O medo das pessoas de expressar sua opinião diante de

acontecimentos políticos é típico de regimes ditatoriais, que usam a força, simbolizada pelo tanque, para reprimir manifestações da população. A adolescente Claudia associa esse medo de falar abertamente sobre fatos políticos com outro sentimento, que teve ao ouvir as explicações de sua mãe sobre sexualidade: “Eu temia que, depois de uma conversa importuna imposta a eles sobre um de seus tabus, novamente seres repugnantes, com doenças venéreas, me seguiriam para dentro dos meus sonhos. Eu aprendi a calar.” (146) Assim, sentimentos de medo e angústia se misturam e influenciam a postura adotada pela personagem daí por diante.

## **2. *Zwiebelmuster* (Erich Loest, 1985): alienação**

Em *Zwiebelmuster*, a repressão causa a alienação da personagem principal, o escritor Hans-Georg Haas. O grande sonho do escritor é fazer uma viagem para o lado ocidental, o maior privilégio que a RDA tem a oferecer a seus cidadãos: visitar um país fora do bloco socialista depende da concessão de uma licença especial por parte do regime. Na visão da personagem, esse privilégio está diretamente ligado a seu status como escritor, pois só os autores renomados conseguiriam o visto para países ocidentais. Assim sendo, ele procura desenvolver sua carreira literária dentro dos limites estéticos e ideológicos estabelecidos pela política cultural. Por não conseguir fazer a sonhada viagem, acaba sentindo-se um cidadão de segunda classe e ficando alienado em um mundo próprio, internado numa clínica psiquiátrica, à mercê das decisões do partido.

O regime autoritário é representado pela polícia política secreta, pela existência de um partido único, pela distribuição de privilégios e pela atuação de órgãos de censura institucionalizados. A princípio, o autoritarismo não incomoda o escritor, já que ele se sente integrado ao sistema, do qual espera obter o privilégio maior: a permissão para viajar para o Ocidente. Para Haas, o destino da viagem não faz muita diferença; para cada país, ele imaginou um tema sobre o qual poderia escrever para justificar a viagem. Por isso, Haas não consegue superar sua frustração e sua angústia, ao perceber que o partido lhe nega o privilégio. Ele perde sua auto-estima e passa a cometer pequenos atos de rebeldia, de insubordinação às normas estabelecidas.

Cenas de autoritarismo e de repressão também são apresentadas no contexto de uma passeata organizada por um grupo ecológico, que protesta contra a poluição de uma fábrica de cimento, causadora de danos à saúde da população. Por ter participado da passeata, a filha do escritor, Marion, fica proibida pelos agentes secretos de ver seu namorado holandês, considerado um ‘inimigo da classe operária’, simplesmente por ser de um país capitalista. O texto faz alusões à luta ideológica existente na época da Guerra Fria, que se refletiu intensamente na Alemanha dividida.

## **3. *Was bleibt* (Christa Wolf, 1990): angústia e bloqueio psíquico**

A narrativa tem como tema a angústia da personagem central, uma escritora de meia idade, que está sendo espionada pelo serviço secreto de segurança do Estado. Bloqueada pela angústia, a escritora não consegue escrever. Na tentativa de superar o bloqueio, a personagem

volta-se para dentro de si mesma, buscando, através de um processo de conscientização, retornar ao caminho da autonomia.

O tema das reflexões da personagem narradora é o efeito da espionagem sobre sua personalidade. Uma das conseqüências da repressão a que está sendo submetida seria a intimidação. Segundo a narradora, esta seria exatamente a intenção dos agentes do serviço secreto: “Provocar o medo, que, como se sabe, leva muitas pessoas a transigir, outras a ações precipitadas que, por sua vez, podiam servir de novo como demonstração de indícios para a necessidade da observação.” (21) O medo faz com que a personagem escritora se

sinta seqüestrada, conforme sua própria descrição: “Seqüestro, sim, era isso, seqüestrada, em aflições.” (17) Com essa afirmação, a narradora admite sua subjugação e seu medo, causados pela espionagem. Ela se sente tratada como coisa, degradada a objeto.

O fato de a personagem escritora sentir medo até nos momentos em que não está sendo espionada pelos agentes, que normalmente ficam dentro do carro em frente a sua casa, aponta para a internalização do medo. O medo continua agindo, mesmo quando os agentes não estão por perto, e torna-se um fenômeno permanente. Aterrorizada, ela sente sua personalidade ameaçada: “O mais puro horror, eu não sabia que ele se anunciava como insensibilidade.” (80) O efeito do terror sobre a personagem é sua dissolução como sujeito autônomo.

O reconhecimento das estruturas totalitárias de poder e também de suas próprias ilusões pressupõe a superação do medo. Significa enfrentar o processo doloroso de conscientização. A personagem narradora reflete sobre a dificuldade de reconhecer a ‘verdade’ sobre as estruturas da sociedade, de se livrar de ilusões e medos, de ver as próprias fraquezas. O medo de perder a esperança relacionada com o socialismo da RDA e a dor da conscientização causam conflitos de identidade: “Eu mesma. Quem era essa. Qual dos múltiplos seres que constituem ‘eu mesma’. Esse que queria conhecer a si próprio? Esse que queria resguardar-se? Ou aquele terceiro que ainda estava tentado a dançar a mesma música que os jovens senhores lá fora em frente à minha porta?” (57) Com a expressão “jovens senhores lá fora”, a narradora refere-se aos agentes do serviço secreto que a observam da rua. Para superar seu bloqueio e reconquistar sua autonomia, a narradora precisa acreditar que um dia teria “tirado” de si e escorraçado “aquele terceiro”, e que ela “realmente queria isso”. Isso significa que ela tem de desistir de um de seus “múltiplos seres”, superando sua tendência de concordar com o regime estabelecido e perdendo seu medo da repressão.

#### **4. A repressão e a destruição da personalidade**

Nos três textos aqui abordados, a repressão é causadora da destruição da personalidade das personagens retratadas. Em virtude da personalidade destruída, as personagens podem apresentar perda de autonomia e de autoconfiança, sentimentos de angústia, medo e até de completa insensibilidade. As personagens estão sujeitas aos ditames do Estado, dependentes da estrutura político-social vigente. Nesse sentido, elas são apresentadas como vítimas da repressão. Entretanto, há diferenças na tipificação das personagens quanto a sua reação ao sistema: a médica Claudia, de *O amigo distante*, acomoda-se ao sistema vigente, tentando proteger-se por uma aura de invulnerabilidade; o escritor Haas, de *Zwiebelmuster*, acaba internado numa clínica psiquiátrica, na dependência de um terapeuta; já a narradora escritora de *Was bleibt* supera sua crise existencial e retorna à sua independência, que havia perdido temporariamente, voltando a escrever.

A “variante real-socialista, específica, de destruição da identidade” (KRAUSS, 1991, p. 19) está relacionada, nos três textos, com o autoritarismo. O choque, direto ou indireto, com as estruturas repressoras ocasiona a alienação ou, como no caso da personagem narradora de *Was bleibt*, uma ruptura com o sistema e a conseqüente luta por autonomia.

#### **Referências Bibliográficas:**

- DOMDEY, Horst. *Kritik und Loyalität. Aspekte einer Typologie der Kritik von DDR-Autoren (Historische Skizze)*. In: *Trilateraler Forschungsschwerpunkt ‘Differenzierung und Integration’*. DFG, Züricher Gesamtsymposium, Boldern, 1995. Hg. von Michael Böhler u.a., Zürich, 1996.
- HEIN, Christoph. *Die fünfte Grundrechenart. Aufsätze und Reden 1987-1990*. Frankfurt a.M.: Luchterhand, 1990.

- HEIN, Christoph. *Der fremde Freund. Berlin*. Weimar: Aufbau Taschenbuch, 1993.
- KRAUSS, Hannes. *Mit geliebten Worten das Schweigen brechen*. In: Text + Kritik, Hg. von Heinz Ludwig Arnold, Heft 111 Christoph Hein. München, Juli 1991, p.16-27.
- LOEST, Erich. *Zwiebelmuster*. München: DTV, 1988.
- LOEST, Erich. *Es geht seinen Gang oder Mühen in unserer Ebene*. München: DTV, 1978.
- LOEST, Erich. *Der vierte Zensor. Vom Entstehen und Sterben eines Romans in der DDR*. Köln: Wissenschaft und Politik, 1984.
- MÖLLER-ZEIDLER, Sabine. *Literatur und Autoritarismus. Die zensierte Sprache in der Lyrik*. In: CZIESLA, Wolfgang u. von ENGELHARDT, Michael (Hg.) *Vergleichende Literaturbetrachtungen*. München: Iudicium, 1995, p.219-43.
- WOLF, Christa. *Was bleibt*. Frankfurt a.M.: Luchterhand, 1990.
- WOLF, Christa. *Voraussetzungen einer Erzählung: Cassandra*. Darmstadt, Neuwied: Luchterhand, 1983.